



Tradução

ÁLVARO HATTNHER

**SEGUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2015 by Chris Weitz

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

A citação original de William Wordsworth utilizada nesta edição foi retirada de *Olho imóvel pela força da harmonia* (Trad. e apres. de Alberto Marsicano e John Milton. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007).

TÍTULO ORIGINAL The New Order

CAPA kakofonia.com

PREPARAÇÃO Raquel Nakasone

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Weitz, Chris

Nova ordem / Chris Weitz ; tradução Álvaro Hattner. —  
1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2015.

Título original: The New Order.

ISBN 978-85-65765-90-9

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

15-09396

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

# JEFFERSON

*OS DEUSES SE INCLINAM para fora da máquina e acenam para nós.*

*Um alto-falante declara: “ABAIXEM AS ARMAS AGORA!”.*

*Os ilhéus tinham recebido ordens para defender o laboratório. Eles erguem as armas e disparam, produzindo pequeninas feridas na pele cinzenta da fera ao redor das letras pretas que dizem MARINHA.*

*Os soldados recuam, e a ponta de uma metralhadora aparece, cuspindo fogo na nossa direção. O garoto que está mais perto de mim e de Donna deixa de ser uma pessoa e se transforma em uma confusão de sangue e carne.*

*Os outros ilhéus correm em busca da proteção do laboratório. Mais alguns são despedaçados quando o helicóptero passa novamente. Donna, Crânio, Peter, Theo, Capitão e eu nos jogamos no chão, prostrados e indefesos, como se vêrássemos um vulcão.*

*Mais tarde, somos cuspidos das entradas do helicóptero assim que ele pousa na enorme área retangular no topo do porta-aviões. É quase tão alto quanto um prédio. Uma multidão de marinheiros vestindo macacões de cores vivas nos rodeia como formigas. Enquanto os guardas nos separam, as palavras se perdem em meio ao som ensurdecedor dos motores dos jatos espalhados por toda a parte. Eu mal tenho chance de olhar para Donna antes de nos tirarem do convés às pressas e nos levarem para o interior do labirinto de metal da embarcação.*

*Eu grito o nome dela, mas não sai som nenhum.*

\*

Acordo com um zumbido e a luz fraca de uma lâmpada fluorescente. Minha cela não tem relógio nem janela, então não sei dizer se é dia ou noite. De vez em quando ouço o som de botas ou uma buzina através do casco do navio, mas se existe um padrão ainda não o identifiquei. Dentro desta caixa de metal, perdi a noção do tempo e fico vagando como um barco com os mastros destroçados, longe demais para ser visto da terra firme. Como um fantasma, flutuo por lembranças, com a mente desordenada e o raciocínio nebuloso.

Imagens vêm na minha cabeça. Washington Square, um selo postal verde (lembra deles?) na placa de circuito cinzenta de Manhattan. Do alto, tudo é como sempre foi. Mas quando me aproximo, clicando no zoom do meu Google Maps mental, coisas estranhas aparecem, como bolhas na pele da cidade. Um incêndio em uma área coberta de lixo. Uma pilha de cadáveres. Carros amassados e abandonados, como se fossem brinquedos de um bebê gigante. (Será que Deus era uma criança gigante? Ou será que ele simplesmente deu a Terra de presente para o filho de um amigo, um pequeno demiurgo mimado, e foi cuidar de negócios mais importantes em outra galáxia?)

No nível da rua, atrás dos muros improvisados que cercam a praça, a tribo estaria cuidando da própria vida, saindo por aí à procura de comida e combustível e se perguntando o que teria acontecido comigo e com meu grupinho. Estariam morrendo.

*Em uma espécie de plataforma de carga anfíbia, eles me lavam com uma mangueira da qual sai um líquido esverdeado que faz bolhas e espuma e que se acumula perto dos ralos. Sou levado à força para os chuveiros por dois fuzileiros navais em trajes de proteção com olhos arregalados de medo da Doença. Ainda ensopado, me prendem com correias, me dão remédios e tiram amostras do meu sangue.*

*Uma semana de quarentena, e sou jogado na prisão.*

\*

Mais uma vez, observo à minha volta. Num dos cantos, há um cubo de metal cinza oleoso, com uma pia e um assento sanitário de aço escovado. No outro, uma cama estreita. Há também uma porta de metal resistente com uma janelinha de acrílico, tampada com fita adesiva preta por fora.

É como a frase de Samuel Beckett, só que pior. Nenhum sol brilha sobre o nada de novo.

Não consigo ver nada lá fora, mas tenho certeza absoluta de que eles conseguem ver aqui dentro, já que mantêm as luzes acesas para atrapalhar meu sono. Eles estão me observando, e ouvindo também, sem dúvida. Observo ao redor, procurando câmeras do tamanho de um olho de inseto.

Então ouço a batida de um bastão de metal na porta e um grito de “Afaste-se!”. Meu interrogador entra, trazendo consigo uma cadeira dobrável. Ele não está mais usando o traje de proteção, nem os outros. Parece que estão satisfeitos em ver que a cura deles funciona tão bem quanto a nossa.

— Mais? — pergunto.

— Só algumas perguntas — ele diz. Ele sempre diz isso.

Será que existe alguma coisa que eu não sei que sei? A voz que está sempre zumbindo dentro da minha cabeça — às vezes é tipo um irmão mais novo irritante, outras parece um pai rígido, e de vez em quando é alguém que penso ser “eu” — recita uma cantiga, com a lógica de um poema sem sentido escrito por uma criança: *Existem coisas conhecidas que são conhecidas. Essas são as coisas que sabemos que sabemos. Existem coisas desconhecidas que são conhecidas. Isto é, coisas que sabemos que não sabemos. Mas também existem coisas desconhecidas que são desconhecidas. Coisas que não sabemos que não sabemos.*

— O que isso quer dizer? — pergunta o interrogador. Eu não tinha percebido que estava pensando alto.

— Por que não atracamos? Vocês sabem que as pessoas estão morrendo, né?

Ele não responde. Um dos guardas me contou durante a quarentena que o navio *Ronald Reagan* fica um pouquinho além da linha do horizonte, o suficiente para não ser avistado por quem está na ilha.

— Vocês não vão ficar sem combustível?

Para minha surpresa, ele responde imediatamente:

— Esta embarcação é movida a energia nuclear. Podemos ficar no mar por vinte anos. — Ele sorri. Percebo que o orgulho pelo navio o fez falar.

Talvez, com o fim dos Estados Unidos, o navio seja o único lugar que ele possa chamar de lar.

Tento outra pergunta.

— Somos os únicos que sobraram? Vocês são os únicos adultos que não contraíram a Doença?

Meu palpite é que o porta-aviões é uma pequena cidade-Estado flutuando em um mar de morte. Talvez existam outros navios protegidos da Doença por causa do isolamento da água. Senão, como os adultos poderiam ter sobrevivido? A Doença dizima todos eles.

*Não*, diz o professor na minha cabeça, *ela faz mais do que dizimar*. A palavra “dizimar” originalmente referia-se ao costume romano de executar um a cada dez soldados de uma legião que se rebelasse. Disciplina pelo terror.

O que a Doença fez foi pior. Todas as crianças, todos os adultos... mortos. A Doença, como uma propaganda de TV, tem seu público-alvo.

— Achei que você iria gostar de um pouco mais de sobremesa — o interrogador disse, mudando de assunto. Ele estende um copinho com salada de frutas coberto por papel-alumínio. Ele tenta me treinar com essas recompensas há uma semana, como se eu fosse um cachorro e minha memória pudesse ficar sentadinho e estender a pata.

Seguro o copo plástico. Ainda está frio da geladeira. Mesmo que aquele navio pudesse flutuar por vinte anos, não conseguiram alimentar todos a bordo, conseguiram? Uma vez assisti a um documentário que dizia que os maiores porta-aviões tinham tripulações de milhares

de pessoas. Como poderiam sobreviver só com o estoque do navio? Eles precisariam de novos suprimentos.

Se eu conseguir falar com Crânio, talvez tenha uma resposta. Aposto que neste exato momento ele está absorvendo todo tipo de informação possível, não importa o quanto estejam tentando deixá-lo no escuro. Ou melhor, não importa o quanto estejam tentando mantê-lo em um ambiente pouco iluminado. Os interrogadores alimentam nossa mente com apenas um fiozinho de luz, como a fraca lâmpada fluorescente da cela — o suficiente para pensarmos que não há mais nada para saber.

Lá em Plum Island, quando o helicóptero apareceu à la “deus ex machina”, pairando no céu como um abelhão gordo e desajeitado, esperei que coisas muito melhores fossem acontecer. Depois de tudo que passamos, achei que seríamos recebidos como heróis. Um tapinha nas costas, uma coca-cola estupidamente gelada, algo tipo “Mandou bem, filho. Agora o pesadelo acabou. Quer pizza?”. Em vez disso, perguntas e mais perguntas como se estivéssemos em um loop infinito de um episódio bem ruim de *Law & Order*.

- Por que vocês atiraram no helicóptero?
- Nós não atiramos no helicóptero. *Eles* atiraram — eu disse.
- Quem?
- Os ilhéus. Quero dizer, os moleques que viviam em Plum Island.
- Você não é um dos moleques que viviam em Plum Island?
- Não. Viemos da Washington Square. E do Harlem.
- Certo. E por que os garotos de Plum Island atiraram em nós?
- Não sei. Pergunte a eles, se tiver sobrado algum.
- E os corpos que encontramos no laboratório?
- Acho que um deve ser do Velho. Quer dizer, do *adulto*. Ele era cientista ou algo assim. Trabalhava com armas biológicas. O outro deve ser de Kath. Ela era uma de nós, mais ou menos.
- O que aconteceu com eles?
- O Velho matou Kath. Ele estava nos usando como cobaias. Ele

injetou alguma coisa nela que fez a Doença agir mais rápido que o normal. E fez a mesma coisa comigo, mas ele e Crânio descobriram a Cura e eu sobrevivi. Bom, você sabe disso, acho.

— E o que aconteceu com o Velho?

— Eu já contei isso.

— Refresque a minha memória.

— Eu o matei. Ou melhor, Crânio envenenou o remédio dele. E eu terminei o serviço.

— Como?

— Eu... o estrangulei.

O Velho ia matar todos nós. Não penso no estrangulamento, pelo menos não muito.

— Os outros estão vivos? — pergunto.

A expressão dele não demonstra nada, nem um sinal de resposta.

— Por ora é o suficiente — diz ele, levantando e saindo, enquanto o fuzileiro com a carabina M4 me encara, sério.

Volto para minha cama, deito e penso em Donna. E depois penso sobre pensar em Donna. Tenho tentado manter os pensamentos sobre ela bem longe, pois acho que nada de bom pode sair disso. Não tenho como vê-la, como falar com ela, como tocá-la. E tenho a estranha sensação de que as coisas foram tão boas quanto poderiam ser, naquela noite a bordo do rebocador *Annie*, antes de sermos capturados pelos ilhéus. Foi quase bom *demais*. É como se existisse uma relação inversa entre a beleza de um acontecimento e seu tempo de duração. Pores do sol, orgasmos, bolhas de sabão.

Aí penso em como sou perverso. Aí me lembro de ter explicado a diferença entre “perverso” e “pervertido” para Donna em uma manhã fresca de outono no parque antes do Ocorrido, e o que era o “demônio da perversidade”. Aí lembro que Donna me chamou de demônio da perversão. E mais uma vez a muralha para manter Donna longe da minha cabeça desmorona, e eu me afogo em solidão. Começo a reconstruí-la com tijolos de gelo prestes a derreter.

Então penso sobre pensar em pensar em Donna. Olho embaixo

do copinho de salada de frutas e vejo que há uma data de vencimento carimbada no fundo. Eles geralmente cobrem a data e qualquer outra coisa escrita nas embalagens vagabundas. Mas alguém foi desleixado e a tinta escura, em vez de esconder, faz a data sobressair.

A validade é daqui a um mês, pelo que consigo enxergar. O que significa que foi fabricada depois do Ocorrido. Como isso é possível?